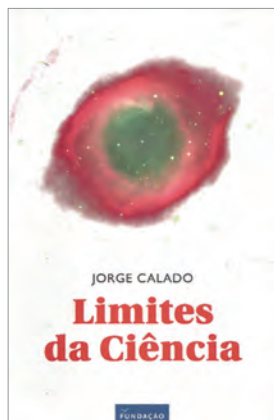


LIMITES DA CIÊNCIA

João Lobo Antunes



Autor: Jorge Calado

Editora: Fundação Francisco Manuel dos Santos

N.º de Páginas: 187

ISBN: 978-989-8662-62-0

Numa passagem deste livro, a todos os títulos notável, cuja leitura tanto me fascinou, o autor, recorrendo ao que chama de “terminologia” de Isaiah Berlin, compara o cientista a um ouriço e o administrador da ciência à raposa. Vale a pena retomar aqui, por razões que o leitor logo perceberá, o tema de um dos mais famosos ensaios de *Sir* Isaiah, que citei aliás num texto que há anos dediquei a Victorino Nemésio. *Sir* Isaiah foi buscar a sua inspiração ao poeta grego Arquíloco: “A raposa sabe muitas coisas, mas o ouriço sabe uma coisa importante”. Ouriços são aqueles que reduzem tudo a uma visão central única, a um sistema mais ou menos coerente, articulado, que molda o que pensam, compreendem e sentem. Ouriços seriam Platão, Dante, Dostoiévsky, Pascal e Proust. Pelo contrário, as raposas perseguem múltiplas pistas, soltas, mesmo contraditórias, não necessariamente ordenadas por qualquer princípio estético ou moral. O seu pensamento move-se em diversos níveis, captando a essência de uma vasta variedade de experiências ou objectos pelo que eles são em si mesmos. Raposas seriam Aristóteles, Shakespeare, Montaigne, Goethe, Balzac e Joyce.

Suponho que na ciência que praticou e ensinou toda a vida, Jorge Calado foi ouriço, mas na cultura, ele é uma raposa de gosto muito sofisticado, crítica finíssima, inteligência luminosa, omnívora no seu apetite, irónica, por vezes cruel, guardiã de um tesouro admirável de conhecimentos e experiências que gosta de partilhar liberalmente. Ele é, certamente, uma das figuras mais distintas da cultura portuguesa contemporânea, e nas duas artes a que mais se dedicou – a música e, particularmente, a ópera, e a fotografia – um crítico de uma autoridade incontestada, porque exerce o seu magistério com uma pedagogia clara e um gosto seguro.

Este é um livro de uma simplicidade profunda, ou seja, é cristalino no estilo, mas desce para lá da rama dos “faits-divers” da ciência, e da superficialidade das interpretações. Mas esse mergulho só é possível ser conseguido por al-

guém igualmente confortável nas “duas culturas” de Lord Snow, naturalmente citadas nesta obra. O autor ultrapassou serenamente o “gulf of mutual incomprehension, hostility and dislike, but most of all lack of understanding” que separam, no exemplo de Snow, Shakespeare e a Segunda Lei da Termodinâmica.

Mas foi talvez o método da “sua” química que lhe permitiu destilar, nos vários capítulos que compõem o livro, a essência das questões que trata, de tal modo que quem as conhece bem nota que muito pouco do que é realmente importante ficou por dizer. Por outro lado, o leitor menos informado aprende, em 174 páginas que se lêem num trago, muito do que deve fazer parte de um capital de cultura elementar. Neste contexto, abraço a definição de cultura de Matthew Arnold, conforme expôs nas “Rede Lectures” de 1882: “The best that has been thought and said in the world”.

Devo esclarecer que, para mim, “Limites da Ciência” é diferente (embora tal pareça subtil) de “Os Limites da Ciência”. Os primeiros poderão ser definidos a partir, por exemplo, dos obstáculos metodológicos ou instrumentais na investigação de determinados fenómenos, como a consciência ou o livre arbítrio. O livro presente trata mais, quanto a mim, os limites da ciência, ou seja, daquilo que em ciência está dependente do facto desta ser, muito prosaicamente, obra de mulheres e homens, com toda a falibilidade que necessariamente advém desta condição. Na verdade, são estas fraquezas que levam ao erro e à fraude, aqui exemplificados por processos lamentavelmente famosos que desacreditaram a imaculada integridade da ciência contemporânea. Os três pecados “major” da fraude científica – o plágio, a fabricação de resultados e a sua falsificação – habitualmente contaminam artigos publicados nas mais prestigiadas revistas científicas. Isto é explicado por Peter Medawar – imunologista, Prémio Nobel da Medicina – por factores tão diversos como a paixão cega por uma ideia que se quer demonstrar como certa, a procura da fama e

do prestígio junto dos pares, e um terceiro factor que Sidney Brenner – biólogo molecular e também Nobel – chama o “management” actual da ciência. Este promove a publicação maciça, industrial, neste mundo do “publish or perish”, o que força o jovem investigador a publicar sob uma extraordinária pressão académica ou financeira. Para um cientista de formação clássica e para um humanista como o autor, para quem a verdade tem um esplendor único, é evidente que aquilo está descrito no capítulo “Crises na Ciência” é inquietante, pois retira à ciência a pureza na busca da verdade que faz parte do seu “telos” intrínseco, como escreveu Fernando Gil.

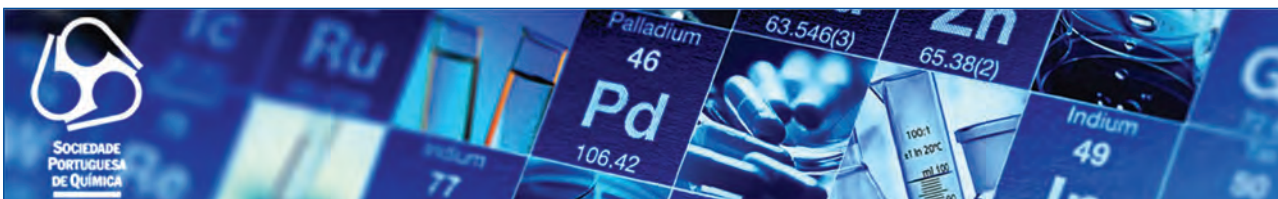
Logo no Prefácio, o autor afirma: “a ciência é amoral, não é boa nem má”, embora esta proclamação seja adiante muito matizada. Esta é, certamente, uma questão crucial em todos os debates sobre ciência e ética, adiante afluídos neste livro. Tenho, em relação a esta matéria, uma atitude de maior reserva, e tenho reflectido muito sobre o que genericamente se pode designar como “saberes proibidos”. A pergunta é simples: haverá coisas que será preferível não conhecer ou não divulgar? Estas podem, por exemplo, dizer respeito a saberes destrutivos ou perigosos como a bomba atómica, acerca da qual o seu “pai”, J. Robert Oppenheimer escreveu que, na circunstância, os “cientistas conheceram o pecado”. Ou ainda a ciência obtida por meios ilícitos, da qual a ciência nazi, mas não só, é exemplo paradigmático. Já o “pai” da bomba de hidrogénio, Edward Teller – que não nutria particular simpatia por Oppenheimer – escrevia, num ensaio incluído num livro chamado “The Limits of Science” publicado em 1978: “There is no case when ignorance should be preferred to knowledge – especially if the knowledge is terrible”.

E que dizer da biologia sintética e o que modernamente se tem designado por “Dual-concern research”, que pode criar no laboratório estirpes de micro-organismos de incontrolável virulência, e daquilo que o autor chama de “bioperigos”? Mas, por outro lado, como será possível limitar a liberdade intrínseca do acto de investigar, que é também uma actividade criadora, poética mesmo nas palavras de Shelley, para quem a ciência continha uma poesia oculta pela acumulação dos factos e dos processos de cálculo.

Neste “instantâneo” da ciência contemporânea – e a metáfora fotográfica é uma homenagem ao autor! –, sente-se um pulsar algo nostálgico, a consciência de que se perdeu uma certa nobreza aristocrática, que se abriu uma caixa de Pandora que determinou alterações irreversíveis no “Carácter da Ciência” (1.º capítulo), originou “Crises” (2.º Capítulo), torna a Ciência mais dependente do financiamento e, ao mesmo tempo, mais lucrativa para os seus praticantes, criando laços de interesses por vezes inconciliáveis entre a “Ciência e (o) Capital” (3.º Capítulo) e, finalmente, explodindo em “Catástrofes” (4.º Capítulo). Na conclusão, o autor retoma a sua tese da inocência virginal da ciência e numa perspectiva, a meu ver um pouco redutora, afirma que “os políticos erram, os industriais estragam – por erro, fraude ou omissão – e os cientistas e os engenheiros tratam”. Note-se que esta pitada de arrogância está no genoma de uns e de outros...

A verdade é que também não podem ser cientistas ou engenheiros a decidir sozinhos as agendas da investigação ou o seu financiamento, nem tão pouco cabe aos políticos e aos empresários essa tarefa. Philip Kitcher, num ensaio intitulado “What kinds of science should be done?”, diz que a investigação científica deve promover o conhecimento e a compreensão do mundo, ajudar a aliviar o sofrimento humano, a melhorar a qualidade das nossas vidas e procurar a verdade. Estas são missões incontroversas. Mas é preciso procurar o método para o que chamou uma ciência bem ordenada, equilibrando oportunidades e necessidades, ouvindo todos, incluindo o público leigo mas bem informado. A questão, porém, é que a ignorância científica da sociedade, seja americana, seja europeia, é abismal. Um inquérito de 2001 revelou que 40% dos americanos e 53% dos europeus achavam que a astrologia era “científica”, e 24% dos primeiros e 32% dos segundos que o sol andava à volta da terra.

Não posso salientar com mais ênfase a importância da divulgação entre nós desta obra. Este é um livro que deverá servir para promover a análise e o debate sobre o papel da ciência no mundo contemporâneo, e deve ser “ensinado” em escolas secundárias e universidades. A profundidade da reflexão e a clareza amável da sua escrita, certamente será para todos (indiferentemente da idade ou da cultura) motivo de encanto e razão de uma imensa gratidão para com o seu autor.



Torne-se Sócio da Sociedade Portuguesa de Química e beneficie de:

- Pertencer a uma comunidade científica dinâmica;
- Receber o boletim “QUÍMICA”;
- Descontos nos Encontros promovidos pela SPQ;
- Descontos nas publicações da SPQ;
- Protocolos assinados entre a SPQ e outras entidades;
- Participar na promoção da Química;
- Apoiar uma Sociedade Científica.